

I'M A BEAUTIFUL MONSTER

The Aesthetic Pleasure of the Monstrous

I am a Beautiful Monster is an appropriation of the title of the first edition of the book of poetry, prose and provocation by Francis Picabia (published in the United States in 1940), which I am using for this exhibition in order to ironically demystify erroneous ideas about this type of artistic work.

The exhibition is constructed around the relationship between the beautiful and the monstrous, a well-known oxymoronic paradigm, raising issues to do with semantic approximation and appropriation of the contemporary reception of brute and singular art.

Form, order, harmony, finite, determined, measured and balanced are set aside in order to give way to imbalance, excess and incoherence. This monstrousness present in the works that sometimes becomes confused with the Kantian sublime goes beyond all the forms. It is monstrous in that sense -- according to the original Latin meaning of the term *monstrum* -- a prodigy, a marvel, but also everything that is not natural, something frightening, a beauty that is so superior that it is terrifying. An about turn in the traditional aesthetic hierarchy and a transformation that allows an escape from the tyranny of the consequent beautiful without traumas.

Spontaneous expression or a paradigm of subjective creativity?

The monstrous form refers back to imagination as a creating origin, an imagination the functioning of which we ignore. It is born out of whims, of fantasy without norms, of a creativity that does not pre-establish aims, nor is submissive to reason, but rather works through free associations. And if monsters frighten us it is because they show us the desires that we fear so much and which we consciously decide to repress.

The works in the exhibition do not belong to the same genre or to a determined geographical area, nor even to the same historical period with artists who are more or less well-known, often criticised, often normalised within conventional codes. The works present cosmological structures as a support for the reality of disparate worlds, often being deliberately obscurantist with complicated iconographies and linguistic systems. The showing is a combination between figuration and abstraction, transfiguration, the transliteration of one genre to another and the construction of surreal narratives.

The bodies, the animals, the sex, fantastic and alien creatures, half-man / half animal demiurges -- all of these subvert conventional images with additions and hybrid forms. The result is a set of works that are at times presented in groups and on other occasions on their own, and which introduce into one's subconscious a break with images that are difficult to liken to anything in particular, thus at each glance reinventing the perception of common objects in an unexpected manner.

*"I am a beautiful monster
who shares his secrets with the wind.
What I love most in others
is myself¹".*

The works in the Treger/ Saint Silvestre Collection highlight the relationship and contradiction between beauty and the monstrous in which the Baroque, primitivism, the anecdotal, ornament, the dream, the lack of edges, relief, structure, the multiplicity that is unity, the absurd, rationalisation, humour and the references illustrate a deep research that is free from the will to seduction and little interested in conforming to the tastes of the time.

I'M A BEAUTIFUL MONSTER

O prazer estético do monstruoso

I am a Beautiful Monster é uma apropriação do título da primeira edição do livro de poesia, prosa e provocação de Francis Picabia (editada nos Estados Unidos em 1940), que utilizo para esta exposição com o intuito de, ironicamente, desmistificar ideias errôneas sobre este tipo de trabalho artístico.

A mostra constrói-se na relação entre o belo e o monstruoso, conhecido paradigma oximórico, a levantar questões de aproximação e apropriação semântica da recepção contemporânea da arte bruta e singular .

A forma, a ordem, a harmonia, finita, determinada, medida, equilibrada, são postas de parte para dar lugar ao desequilíbrio, à desproporção, à incoerência. Esta monstruosidade presente nas obras que por vezes se confunde com o sublime kantiano, extravasa todas as formas. É nesse sentido monstruoso - segundo o significado latino originário do termo *monstrum* -, um prodígio, uma maravilha, mas também tudo que não é natural, algo que assusta, uma beleza tão excelsa que aterroriza. Uma reviravolta da hierarquia estética tradicional e uma transformação que permite escapar à tirania do belo consequente e sem traumas.

Expressão espontânea ou um paradigma da criatividade subjectiva?

A forma monstruosa remete para a imaginação enquanto origem criadora, uma imaginação cujo funcionamento ignoramos. Ela nasce dos caprichos, da fantasia sem normas, de uma criatividade que não preestabelece finalidades, nem é submissa à razão, senão que trabalha por livres associações. E se os monstros nos assustam é porque nos mostram os desejos que tanto tememos e que por isso decidimos conscientemente reprimir.

As obras na exposição não pertencem a um mesmo género ou a uma determinada área geográfica, nem ao mesmo período histórico com artistas mais ou menos conhecidos, muitas vezes censurados, outras vezes normalizados dentro de códigos convencionais. As obras apresentam estruturas cosmológicas enquanto suporte da realidade de mundos díspares, muitas vezes deliberadamente obscurantistas com complicadas iconografias e sistemas linguísticos. A mostra é uma combinação entre figuração e abstracção, transfiguração, a transliteração de um género para outro e a construção de narrativas surreais.

Os corpos, os animais, o sexo, criaturas fantásticas e alienígenas, demiurgos meio homem/ meio animal, vêm subverter imagens convencionais com acréscimos e hibridações. O resultado é um conjunto de obras que se apresentam ora agrupadas, ora mostradas singularmente e que introduzem no subconsciente a ruptura com imagens dificilmente assemelháveis a alguma coisa em particular, reinventando a cada olhar a percepção de coisas comuns de maneira inesperada.

*"I am a beautiful monster
who shares his secrets with the wind.
What I love most in others
is myself¹".*

As obras da Colecção Treger/ Saint Silvestre salientam a relação e a contradição entre a beleza e a monstruosidade onde o barroco, o primitivismo, o anedótico, o ornamento, o sonho, a inexistência das margens, o relevo, a estrutura, a multiplicidade que é unidade, o absurdo, a racionalização, o humor e as referências ilustram uma pesquisa de fundo que é livre da vontade de sedução e pouco interessada em se conformar com o gosto da época.